



Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros
KWANISSA – Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros

RAÇA, CULTURA E IDENTIDADE

Entre heterogeneidade e igualdade de oportunidades

RAZA, CULTURA E IDENTIDAD

Entre la heterogeneidad y la igualdad de oportunidades

RAZA, CULTURA E IDENTIDAD

Entre la heterogeneidad y la igualdad de oportunidades

RACE, CULTURE ET IDENTITÉ

Entre hétérogénéité et égalité d'opportunités

Amelia Lemos

Doutora em Ciências de Linguagem, Didática e Semiótica pela Universidade de Franche
Comté, Besançon, França

Professora da Universidade Pedagógica (UP), Moçambique

<https://orcid.org/0000-0001-6992-3565>

Recebido em: 23/05/2023

Aceito para publicação: 02/09/2024

Resumo

A paisagem linguística e cultural, associada à paisagem geográfica, fazem de Moçambique um país muito heterogêneo. Esta heterogeneidade que poderia constituir uma mais valia para a promoção de uma maior igualdade de oportunidades através do que um povo tem de mais precioso, que são as suas línguas, culturas e modos de vida, acaba sendo escamoteada em nome de uma só língua, que promove uma quase harmonização da comunicação, sobretudo a um nível mais formal, por exemplo ao nível oficial (documentos, interação no trabalho, discursos oficiais, etc.). Nesta comunicação pretendemos discutir, servindo-nos de discursos oficiais dirigidos à nação pelo Presidente da República de Moçambique e pelos programas de alguns canais de televisão, de que maneira se pode entender a questão da igualdade de oportunidades num país cuja maioria da população (70%, Censo 2017) não fala ou não domina a língua portuguesa? Como é que a informação veiculada nestes discursos chega a esta maioria? Teremos como base de reflexão conceitos emprestado à antropologia linguística e cultural (SAPIR ET WHORF, 1956). Apoiar-nos-emos igualmente em conceitos como identidade e plurilinguismo segundo a análise de (CALVET, 2001). Esperamos mostrar que num contexto de diversidade, pretender que apenas uma língua possa garantir a comunicação entre os vários grupos da sociedade é uma utopia.

Palavras-chave: raça, língua, cultura e identidade, igualdade de oportunidades.

Abstract

The linguistic and cultural landscape, associated with the geographic landscape, make Mozambique a very heterogeneous country. This heterogeneity, which could constitute an added value for promoting greater equality of opportunities through what is most precious to a people, which are their languages, cultures and ways of life, ends up being hidden in the name of a single language, which promotes an almost harmonization of communication, especially at a more formal level, for example, at the official level (documents, interaction at work, official speeches, etc.). In this communication we intend to discuss, using official speeches addressed to the nation by the President of the Republic of Mozambique and the programs of some television channels, how the issue of equal opportunities can be understood in a country whose majority of the population (70% , Census 2017) do not speak or do not speak Portuguese? How does the information conveyed in these speeches reach this majority? We will have as a basis for reflection concepts borrowed from linguistic and cultural anthropology (SAPIR ET WHORF, 1956). We will also rely on concepts such as identity and plurilingualism according to analysis by (CALVET, 2001). We hope to show that in a context of diversity, claiming that only one language can guarantee communication between the different groups in society is a utopia.

Keywords: race, language, culture and identity, equal opportunities.

Resumen

El paisaje lingüístico y cultural, asociado al paisaje geográfico, hacen de Mozambique un país muy heterogéneo. Esta heterogeneidad, que podría constituir un valor añadido para promover una mayor igualdad de oportunidades a través de lo máspreciado de un pueblo, que son sus lenguas, culturas y modos de vida, acaba escondiéndose en nombre de una lengua única, que promueve una casi armonización de la comunicación, especialmente a un nivel más formal, por ejemplo, a nivel oficial (documentos, interacción en el trabajo, discursos oficiales, etc.). En esta comunicación pretendemos discutir, a partir de los discursos oficiales dirigidos a la nación por el Presidente de la República de Mozambique y de los programas de algunas cadenas de televisión, cómo se puede entender la cuestión de la igualdad de oportunidades en un país cuya mayoría de la población (70 % , Censo 2017) no habla o no habla portugués? ¿Cómo llega la información transmitida en estos discursos a esta mayoría? Tendremos como base para la reflexión conceptos tomados de la antropología lingüística y cultural (SAPIR ET WHORF, 1956). También nos apoyaremos en conceptos como identidad y plurilingüismo según el análisis de (CALVET, 2001). Esperamos demostrar que en un contexto de diversidad, pretender que una sola lengua pueda garantizar la comunicación entre los diferentes grupos de la sociedad es una utopía.

Palabras clave: raza, lengua, cultura e identidad, igualdad de oportunidades.

Résumé

Le paysage linguistique et culturel, associé au paysage géographique, font du Mozambique un pays très hétérogène. Cette hétérogénéité, qui pourrait constituer une valeur ajoutée pour la promotion d'une

plus grande égalité des chances à travers ce qu'un peuple a de plus précieux, que sont ses langues, ses cultures et ses modes de vie, finit par être occultée au nom d'une seule langue, qui favorise une quasi-harmonisation de la communication, surtout à un niveau plus formel, par exemple au niveau officiel (documents, communication au travail, discours officiels, etc.). Dans cette communication, nous prétendons discuter, à partir des discours officiels adressés à la nation par le Président de la République du Mozambique et des programmes diffusés par certaines chaînes de télévision, comment peut-on appréhender la question de l'égalité des chances dans un pays dont la majorité de la population (70 %, Recensement 2017) ne parlent pas ou ne maîtrisent pas la langue portugaise ? Nous baserons notre réflexion sur des concepts empruntés à l'anthropologie linguistique et culturelle, (SAPIR ET WHORF, 1956). Nous nous appuyons également sur des concepts tels que l'identité et le plurilinguisme selon l'analyse de (CALVET 2001). Nous espérons montrer que dans un contexte de diversité, prétendre qu'une seule langue peut garantir la communication entre les différents groupes de la société est une utopie.

Mots clés : race, langue, culture et identité, égalité des chances.

Introdução

Os debates sobre língua e cultura, sobre plurilinguismo e multiculturalismo sempre despertaram interesse de estudiosos, acadêmicos e responsáveis da educação. As principais preocupações estão ligadas à gestão da diversidade em contextos onde as línguas nem sempre coabitam de maneira pacífica. A questão do multilinguismo, principalmente na África coloca-se em termos da gestão de línguas em contextos urbanos. Sabemos que o êxodo rural, por motivos diversos, faz dos grandes centros urbanos, locais de encontro de línguas e culturas, locais de criação de outras línguas e identidades, o que contribui para um mosaico linguístico e cultural próprio destes meios. É sabido que o desenvolvimento de uma nação passa pelo acesso ao conhecimento e à informação e as línguas têm o papel de agregar todo o conhecimento, experiências, hábitos e costumes num único contexto. O grande desafio está muitas vezes no modo como estas experiências são mobilizadas ao serviço do desenvolvimento da sociedade. Segundo (JUILLARD, 2021). os trabalhos sobre o plurilinguismo são hoje um dos domínios mais activos da sociolinguística, através do estudo de políticas linguísticas no âmbito social ou familiar, da gestão das paisagens linguísticas no espaço público ou então através de trabalhos sobre as desigualdades sociais ligadas à utilização de várias línguas, na escola ou no mundo de trabalho. Trata-se enfim de compreender as formas de construção de identidades no cruzamento de várias línguas/culturas, trata-se assim de "apreender o bi-/pluri-/multi-linguismo como realidades socialmente construídas." (p. 271).

A tendência de associar a aquisição do conhecimento às línguas europeias (português, inglês, francês, espanhol, etc.), contribui para uma hierarquização das línguas e culturas, criando a ideia de haver línguas mais importantes que outras. Por exemplo, o facto dos pais de crianças

que frequentam o ensino bilingue em Moçambique não concordarem muito com este sistema, está relacionado ao receio de que os seus filhos não sejam integrados no mercado do trabalho. As empresas que oferecem emprego não lidam com as línguas maternas de origem bantu. O conceito de raças e línguas começa com este tipo de realidade. É a ideia inculcada pelo sistema de que existem línguas de trabalho e línguas reservadas ao contexto familiar e informal. Torna-se urgente pensar em estratégias condizentes à uma gestão do plurilinguismo, não só na escola como na sociedade em geral. As políticas linguísticas traçadas pelos gestores da educação deveriam ter a missão de propor estratégias pedagógicas e didáticas para a gestão da diversidade linguística e cultural. E a gestão da diversidade linguística deveria começar na escola porque é na escola que o aluno aprende a conhecer as línguas a sua volta, a cultura dos seus colegas. Poderá ser na escola que o aluno aprenderá a se exprimir a partir da sua própria língua e interagir com outras línguas e culturas. Nesta comunicação pretendemos discutir, servindo-nos de discursos oficiais dirigidos à nação pelo Presidente da República de Moçambique e pelos programas de alguns canais de televisão, de que maneira se pode entender a questão de igualdade de oportunidades num país cuja maioria da população (70%, Censo 2017) não fala ou não domina a língua portuguesa? Como é que a informação veiculada nestes discursos chega a esta maioria? Teremos como base de reflexão conceitos emprestado à antropologia linguística e cultural (SAPIR ET WHORF, 1956). Apoiar-nos-emos igualmente em conceitos como identidade e plurilinguismo segundo a análise de (CALVET, 2001). Esperamos mostrar que num contexto de diversidade, pretender que apenas uma língua possa garantir a comunicação entre os vários grupos da sociedade é uma utopia.

Língua, cultura e identidade

A questão das línguas no mundo é analisada pelo linguista (CALVET, 2001) como algo que é socialmente partilhado entre os indivíduos de uma sociedade. De um modo geral, para Calvet não existe países monolíngues porque independentemente dos vários cenários linguísticos existentes pelo mundo fora, o plurilinguismo, fenómeno que explica a presença de indivíduos falando várias línguas e o multilinguismo, que atesta a exposição de várias línguas numa determinada sociedade ou contexto, exprimem esta dimensão que se explica pelo facto das diversidade culturais e identitárias provocarem uma diversidade linguística. Mesmo se tratando de um país onde predomina uma só língua, as várias formas dessa mesma língua colocam o contexto numa situação de plurilinguismo e de pluridentidades. O modo como cada indivíduo olha para a sua língua e a sua cultura, convoca uma diversidade de apropriação da língua e de modos diferentes de visão do mundo.

Olhando para a situação da África em geral, deparamo-nos com contextos tipicamente multilinguísticos, caracterizados por uma diversidade étnica e cultural. Isto leva-nos a perceber que a riqueza da África vem em primeiro lugar da sua riqueza linguística e cultural. E é esta diversidade que intervém quotidianamente na vida das pessoas, no seu modo de pensar, de agir e de perceber o mundo. Os estudos efectuados por (SAPIR E WHORF, 1956)

sobre as línguas ameríndias, que deu origem ao princípio de relatividade veem corroborar esta ideia.

A antropologia linguística e cultural (HYMES, 1960) ajuda-nos a compreender a relação entre a língua e cultura na sociedade tendo em conta o modo como elas exercem uma influência na vida das pessoas e das suas respectivas comunidades e o modo como se comunicam entre si. A diversidade linguística e cultural na África, e Moçambique não é excepção, pode ser fonte de conflito, se as relações estabelecidas pelas comunidades ou pelos diferentes grupos for utilizada para mostrar uma supremacia de uns grupos sobre outros. No caso de Moçambique, o conflito entre regiões geográficas (Sul, Centro e Norte) são decorrentes de aspectos ligados à língua e à cultura. Antes da independência do país, as pessoas destas três regiões não se misturavam, não havia casamentos entre uma pessoa do Sul e do Norte, por exemplo, por causa de preconceitos culturais e linguísticos. A opção pela língua portuguesa como língua de comunicação nacional e língua de escolaridade, depois da independência, vem explicar a estratégia encontrada para evitar conflitos entre os moçambicanos. É evidente que esta decisão não foi a melhor solução, porque a língua portuguesa não é de maneira efectiva nacional (muitas crianças ainda se encontram fora do sistema escolar - Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), em 2017 estavam fora do sistema escolar 73% de crianças com seis anos de idade e 65,6% de crianças com sete anos de idade. Para uma parte da população, o português é língua estrangeira e uma boa parte da população não tem acesso à informação a partir do português). Dados do (INE, [ine.gov.mz](http://www.ine.gov.mz), <http://www.ine.gov.mz>> notícias (2021).21/02/2022,) indicam também que 62,4% da população total vive em zonas rurais e cerca de um terço da população total encontra-se em cidades e vilas costeiras.

Para além das línguas, coloca-se a questão da identidade. Normalmente, entre as línguas maternas de cada indivíduo e a ou as culturas nelas impregnadas, emergem identidades individuais e colectivas; Trata-se de uma realidade que resulta de uma construção social, que estabelece relações de oposição, de afinidade ou de simples coexistência. As várias identidades não se anulam, ao contrário, elas convivem de maneira natural e se manifestam ante o reconhecimento por outros. Deste ponto de vista, elas se manifestam no olhar que os outros têm sobre o indivíduo que endossa uma identidade, bem como para este, a interação aparece como o próprio lugar onde se manifesta o reconhecimento. Para Bourdieu (1980) a identidade é vista tanto como o produto de um poder quanto como o instrumento que gera esse poder: "O poder sobre o grupo que se trata de fazer existir como grupo é inseparavelmente um poder de fazer o grupo, impondo-lhe princípios de visão e divisão comuns, portanto uma visão única de sua identidade e uma visão idêntica de sua unidade" (p. 66).

A questão da identidade em Moçambique para além das línguas e culturas, prende-se à origem dos grupos sociais (moçambicano negro, moçambicano de origem portuguesa, moçambicano de origem indiana, etc. Estes grupos determinam a pertença de um grupo e o modo de relacionamento de uns em relação aos outros. Esta questão será melhor colocada mais a frente quando abordarmos a relação entre as línguas e a raça.

A ilusão da língua nacional e o plurilinguismo

As cerca de vinte línguas de origem bantu estão presentes na sociedade como línguas de comunicação informal (na família, na rua, nos mercados informais, etc.). A maior parte delas não são escritas e não existem gramáticas nem literatura, com a exceção de algumas bíblias que foram traduzidas com fins religiosos. Para além destas línguas, Moçambique possui no seu leque linguístico, o português - língua oficial e de escolaridade, línguas estrangeiras de origem europeia (inglesa e francesa) e asiática (urdu e gujarati). Estas línguas e culturas que coabitam constantemente na vida quotidiana das pessoas são também o resultado da mistura racial, especialmente observado nas áreas urbanas, onde a linha entre as classes sociais, as elites e as raças são muito claras. Esta situação contribui de certa forma, para uma maior valorização do português em detrimento das línguas bantu no que concerne às práticas formais e oficiais. O contexto escolar, por exemplo, coloca-nos vários cenários que mostram que existe uma desigualdade em termos do acesso à escola: a) As crianças das zonas rurais entram para o sistema escolar sem saber falar a língua portuguesa, por esta razão o governo optou pelo ensino bilingue que consiste em colocar a criança à aprender nas primeiras classes nas duas línguas como transição para o português; b. Nas zonas urbanas e periurbanas, crianças que vão ao jardim infantil e que aprendendo a língua portuguesa, começam a escola já falando o idioma. c. crianças que não têm a oportunidade de ir ao jardim de infância, que não dominam o português começam a escola com alguma dificuldade.. (LE MOS, 2016, p.3) explica que; " Num contexto escolar, estas crianças estando misturadas numa sala de aulas certamente serão tratadas de forma homogênea, o que será fonte de problemas". É importante realçar que 50,7% da população rural e 18,8% da população urbana é analfabeta (Taxa de Analfabetismo em percentagem de pessoas com 15 anos e mais de idade que não sabem ler nem escrever). O que vem reforçar os dados que a maioria da população não fala ou não domina a língua portuguesa.

Neste contexto, tentaremos analisar a questão da devirsidade considerando as concepções avançados por (CALVET, 2001). Para este autor, o plurilinguismo pode ser visto como fenómeno individual, situação em que o indivíduo fala várias línguas ou convive entre várias línguas por várias razões, ou como fenómeno colectivo, situação em que numa comunidade plurilingue coabitam vários idiomas. Não entraremos aqui no debate muitas vezes levado à cabo entre linguistas sobre a noção de multilinguismo e plurilinguismo. Vamos deste modo analisar o contexto de Moçambique seguindo a ideia de que é uma comunidade plurilingue em que coabitam vários idiomas e uma língua oficial. Este facto leva-nos a concordar com (CALVET, 2001) quando ele afirma que:

- . O plurilinguismo é, portanto, intrinsecamente um fator de estratificação, até mesmo de exclusão: em todos os lugares existem línguas não reconhecidas e, portanto, falantes de fato que são rejeitados, ou pelo menos cuja língua não permite que participem da vida do estado.
- a. Este facto coloca problemas de identidade e de democracia. Sempre que um cidadão não fale a língua do Estado, não compreenda a língua em que pode ser julgado em tribunal e não se possa defender nesta língua, não fale ou fale imperfeitamente a língua em que os seus filhos são educados, se o forem, a linguagem da política, da vida pública, a democracia é desrespeitada.
- b. O plurilinguismo é ao mesmo tempo um fator de conflito: mesmo que a noção de "guerra de línguas" seja apenas uma metáfora (as línguas não fazem guerra umas contra as outras: são as pessoas que fazem isso) encontramos formas de competição em todos os lugares entre línguas, em particular na função veicular,
 - . Finalmente, o plurilinguismo é um fator de "dominação". certos idiomas sendo usados em funções "altas" e outros em funções "baixas,

Este cenário leva-nos a questionar se não estamos perante uma utopia. A língua portuguesa é nacional, língua de escolaridade e da administração. Sendo a língua oficialmente escolhida para a comunicação entre os moçambicanos e entre os PALOP, ela não só é obrigatória, mas é a única opção na tramitação de documentos oficiais, no tribunal e mesmo no mercado do trabalho.

Quando as línguas têm uma raça

Os grandes centros urbanos em Moçambique são caracterizados por uma diversidade de raças. O conceito de raça aqui não se refere apenas à cor da pele mas ao modo como a sociedade está organizada e a maneira como vivem as classes sociais. Sem pretender entrar na discussão entre conceitos científicos, biológicos, sociológicos ou antropológicos, (GUIMARÃES, 2003), interessa-nos explicar de que modo a cor da pele, a cultura e o status social contribuem para a promoção da língua como meio de comunicação oficial, sobretudo no concernente à promoção do cidadão, à sua valorização e ao seu lugar na sociedade. Até aos dias de hoje, a língua portuguesa é a língua de ascensão social. Segundo (CASTIANO, 2006, p. 5):

Desde o tempo colonial até hoje o português é o idioma oficial de ensino em Moçambique. Ele garante a conexão entre elites económicas, políticas e intelectuais moçambicanas com o mundo internacional. Só os falantes do português é que até agora tiveram acesso mais facilitado para o mercado de trabalho e maiores possibilidades de ascensão social. (...) O português também é o meio de participação política: é o idioma parlamentar, é o idioma no qual folhetos eleitorais mais circulam, etc. Dificilmente uma pessoa seria escolhida, para posições de cargos públicos superiores, se ela não domina e não consegue articular-se bem no idioma oficial. O currículo local, com a possibilidade de aprender os saberes locais em idiomas locais, é o primeiro e o mais importante passo dado na educação para subverter a extroversão, desmarginalizar.

Para além de estrangeiros que vivem em Moçambique por várias razões (trabalho, estadias curtas e/ou longas, turismo, comércio, etc.), temos indivíduos de raça branca descendentes de portugueses que optaram pela nacionalidade moçambicana e assim se naturalizaram por nascença ou por opção; temos indivíduos de origem indiana e paquistanesa com situação idêntica aos descendentes de portugueses. Estes dedicam-se maioritariamente ao comércio. Temos uma população mestiça, fruto de pais oriundos de vários países europeus que tiveram filhos com cidadãs moçambicanas. Para além destes cenários, existe a chamada elite de negros vivendo nas grandes cidades, que constituem a classe média/alta da sociedade moçambicana, fortemente influenciada pela cultura e línguas estrangeiras/europeias, sobretudo o inglês. Esta elite é economicamente bem posicionada, possui grandes empreendimentos, vivendo à margem da realidade da grande maioria da população. Na zona Sul do país, existe mesmo um vocabulário para expressar a ligação entre a língua portuguesa e a raça branca. A elite de negros é muitas vezes designada pelas camadas mais desfavorecidas por *Mulungu* (Branco, na língua materna (*Xangana* ou *Ronga*) do Sul de Moçambique). A língua portuguesa designada de *XiLungu* (Língua do branco) e a cidade, *Xilunguine* (cidade/lugar do branco), numa clara alusão ao que não os identifica.

As línguas moçambicanas de origem bantu que são relegadas à comunicação informal, encontram o seu espaço e legitimidade em contextos específicos. Casos há em que falantes de uma língua bantu interagem entre si na sua própria língua, numa repartição pública ou num outro contexto formal, mas são casos esporádicos. Estas línguas são utilizadas no meio formal apenas para o caso de interpretação de alguns discursos oficiais. As camadas sociais estão nitidamente destacadas em função da língua de comunicação. Segundo (GUILHERME, 2003, p. 96) o conceito de raça está relacionado a "discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionómicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc." Ele acrescenta que podem existir também discursos sobre lugares de origem "aquele lugar de onde se veio e que permite a nossa identificação com um grupo enorme de pessoas" (p. 96) ou ainda discursos sobre o modo de fazer certas coisas que nos identificam dentro de uma comunidade.

Vários outros exemplos mostram-nos esta separação nítida de comunidades linguísticas. No comércio informal por exemplo, os vendedores de rua, utilizam a língua portuguesa para divulgar os seus produtos no meio urbano e a língua materna bantu nas zonas periféricas porque estão conscientes do público alvo. Um outro exemplo são os postos de saúde, nos sectores de saúde materno/infantil, nos programas de HIV Sida, planeamento familiar e programas de vacinação, os médicos e agentes de saúde dirigem-se aos utentes em português, tendo um agente que interpreta as intervenções. Raros são os casos em que a comunicação é feita directamente em língua materna bantu, sobretudo nas zonas urbanas, onde a heterogeneidade e diversidade de línguas maternas é mais presente. Os grandes centros urbanos se caracterizam por uma heterogeneidade de línguas e culturas também por causa da

migração de populações de várias zonas do país devido às guerras civis e as condições precárias nas zonas de origem. As zonas rurais para além de empobrecidas, na sua maioria fazem fronteira com países vizinhos de expressão anglófona. A vida destes moçambicanos, a sua língua de contacto e de trabalho (comércio, agricultura, etc.) é feita quotidianamente através da língua bantu, que é comum aos países vizinhos, ou através do inglês. A língua portuguesa é para eles língua estrangeira. Podemos citar um exemplo: As populações que vivem nas zonas que separam Moçambique e Zimbabwe se comunicam em *Cimanyika* (língua falada, como primeira língua, por cerca de um milhão de pessoas, segundo uma estimativa relativa ao ano 2000, e pertence ao grupo das línguas *xona*, da grande família das línguas bantu), convivem entre si, têm familiares de um lado e do outro e para elas não existe fronteira, nem precisam sequer de passaporte. Casos semelhantes a este encontramos nas zonas fronteiriças com a Tanzânia; a Zâmbia, a África do Sul e o Malawi.

Este cenário leva-nos a colocar questões que nos orientarão a fazer uma reflexão sobre o tema acima proposto. 1. Como lidar com esta heterogeneidade de contextos linguísticos e culturais e garantir que não haja exclusão? 2. Como compreender que a língua oficial que foi instituída para garantir a unidade nacional contribui para a falta de acesso à informação? 3. Que garantias existem que as interpretações dos discursos políticos dirigidos à nação e os diversos programas de televisão e de rádio não sejam um meio para justificar a utilização da língua portuguesa como língua oficial e língua de ensino? Mobilizei para este texto três discursos proferidos pelo presidente da República em diferentes contextos e três canais de rádio/televisão nacionais, para recolher elementos que nos permitirão trazer respostas às questões acima colocadas.

Pretendemos em primeiro lugar fazer uma análise à partir de três aspectos, a saber:

1. A quem são dirigidos os discursos?
2. Qual é o objectivo?
3. A língua e linguagem do discurso tem em conta o destinatário?
4. Qual é o destinatário real dos discursos?

O quadro abaixo mostra alguns dos pronunciamentos retirados destes discursos, que posteriormente serão objeto de análise.

Discursos do Presidente da República		
Intervenção I	A quem é dirigido	Objectivo
Presidente da República	- Convidados ilustres do governo - Chefe do Posto administrativo	Inauguração Da Rede De Energia Do Posto Administrativo De <i>Impire</i>

	- Membros da Autoridade Tradicional	
Língua/Nível/expressões		
Português: "As ligações inter-sectoriais, suscitadas no contexto das respectivas cadeias de valor,..." " Concomitante com este progresso, pretendemos consolidar a nossa posição energética na região da África Austral..." "As famílias de Impire devem maximizar os benefícios da energia, conscientes da obrigatoriedade de pagamento dos serviços prestados pela nossa EDM." "Para terminar, endereçamos, uma palavra de apreço ao Ministério dos Recursos Minerais e Energia, que através da EDM e FUNAE se tem engajado a coordenar a dinamização de projectos na arena eléctrica.		
Intervenção II	A quem é dirigido	Objectivo
Presidente da República	A Nação (Na Assembleia da Republica)	Informação Anual Do Chefe Do Estado À Assembleia Da República Sobre A Situação Geral Da Nação
Língua/Nível/expressões		
"É com renovada honra que, através deste pódio da Magna Casa do Povo, nos termos da alínea b), do artigo 158, da Constituição da República de Moçambique, falo através de vós,"... "Neste ano, estivemos concentrados em ultrapassar os entraves que se impuseram ao crescimento e ao desenvolvimento alcançado nos últimos anos." "Os efeitos combinados dos fenómenos naturais adversos afectaram mais de um milhão de pessoas" ... "Este desequilíbrio teve impacto severo na inflação a nível global e atrasou e continua a atrasar a recuperação da economia global".... "Depois de mais de seis anos de suspensão, lográmos um acordo com o Fundo Monetário Internacional para a estabilização macro-económica"... "Por outro lado, apraz-nos afirmar que,"... "No que tange à inflação, apesar da..." / "No que tange à dívida pública",		

Intervenção III	A quem é dirigido	Objectivo
Presidente da República	A nação	Celebração do dia dos Heróis Moçambicanos
Língua/Nível/expressões		
"Os heróis são uma das classes mais respeitadas e principais referências na edificação e consolidação da nossa Pátria. São consensualmente extraordinários e pertencem à história colectiva de um povo." "a importância desta data transcende crenças políticas, económicas, sociais e ideológicas de certos grupos de indivíduos".... "No que tange à eclosão da cólera, a nível nacional," "Inspirados nos ideais dos nossos Heróis e com a contribuição genuína de todas as forças vivas da sociedade, procuraremos reafirmar a nossa linha de orientação,"... "Alguns dos protagonistas extraordinários da libertação", ...		

Nestes três discursos do actual presidente da República, ele dirige-se à nação através de vários contextos específicos. O facto de ele dirigir uma cerimónia em que estão envolvidas várias entidades e personalidades políticas e sociais, tornam os seus discursos exclusivos a estas pessoas, apesar de falar para a nação inteira. Sendo assim, muito do vocabulário utilizado exclui, por um lado a maioria da população que não percebe e consequentemente não tem acesso integralmente a informação, e por outro lado, o interprete (quando há um disponível) que também não percebe e não consegue perceber algumas passagens do discurso. Das duas uma, ou ele opta por traduzir o que ele acha que percebeu, ou ignora o que não percebeu e continua a sua interpretação. Estamos portanto perante discursos formais dirigidos à nação, mas na realidade eles são dirigidos aos convidados e às pessoas ligadas ao contexto da cerimónia. A maioria destes eventos que decorrem nos grandes centros urbanos não têm um interprete.

É preciso realçar que normalmente, os discursos do presidente são elaborados no seu gabinete à partir de informações que lhe são fornecidas pelos sectores que ele vai visitar. A procura por uma elaboração cuidada da língua portuguesa constitui um dos factores que contribui para a falta de acesso à informação por parte da grande maioria da população. Ao elaborar estes discursos, ignora-se completamente a parte da sociedade que não domina a língua oficial.

Para além dos discursos oficiais, temos igualmente os discursos de campanha política que acabam sendo manipulados e oportunistas, pelo facto de estarem a lidar com uma população vulnerável em termos linguísticos. Estes factos e muitos outros que colocam a língua portuguesa em posição de destaque e de prioridade levam-nos a concordar com (GUILHERME, 2003) quando afirma que o conceito de raça está ligado a discursos sobre

origens de um grupo. A identidade linguística e cultural, as referências sociais, o modo de ver e conceber o mundo para a maioria da população em Moçambique não são os mesmos que os que são transmitidos através da língua portuguesa. Muita informação fica perdida, diluída ou incompreendida. Quando a informação é transmitida às comunidades rurais e camponesas, chega incompleta, transformada e as vezes manipulada. Se considerarmos que a língua preenche uma função identitária, (CALVET, 2003, p.4), como se de uma carteira de identidade se tratasse, "a língua que falamos e a maneira como a falamos revela algo de nós: a nossa situação cultural, social, étnica, profissional, a nossa idade, a nossa origem geográfica, etc.". E é isto que facilita a comunicação e a compreensão da informação, pois "um contexto multilingue comporta uma heterogeneidade de línguas mas também de culturas, de posicionamentos identitários, de costumes, etc." (LEMOS, 2011, p. 122). Em função deste facto, podemos afirmar que o contexto plurilingue e pluricultural ao qual a sociedade está imersa é marcado por identidades por vezes silenciadas, ignoradas pela maneira como a língua e a cultura são expostas. O quadro a seguir constitui a nossa segunda fase de recolha de dados. Ele apresenta o cenário das três maiores rádios/televisão do país. Escolhemos estes três canais, um público e dois privados porque são os maiores do país e representam a situação global em relação ao modo como eles funcionam, o que oferecem como programas e o seu público alvo.

Programas nos canais de Televisão

Canais/Rádios	Público alvo	Alguns programas
Televisão de Moçambique (TVM) (Canal público nacional) https://www.youtube.com/channel/UCfRoEW08udEmsPSIt_YDK_w Cobertura em todo o país Canal do Estado, Programas de entretenimento Notícias nacionais e internacionais Consegue chegar até às comunidades mais recônditas e possui programas de notícias em línguas locais, em função da zona do país.	De um modo geral à toda a população que tem acesso a rede eléctrica e a um aparelho de televisão. é o único que consegue cobrir os distritos e localidades de todo o país.. Este canal oferece programas variados para todas as idades e níveis sociais (alguns programas de actividades rurais)	- Bom dia Moçambique - Notícias (várias vezes ao dia) • Jornal da Tarde • Jornal em Línguas Moçambicanas • Telejornal • Último Jornal • Ginástica • A hora do CTP • Tudo às 10 • Chá da Tarde

Radio Televisão Miramar (Canal privado) Canal privado e independente (miramar.co.mz) Oferece programas de entretenimento Notícias nacionais e internacionais Muito comercial Transmite apenas em língua portuguesa. Rede afiliada a RecordTV (Brasil)	De um modo geral à toda a população que tem acesso a rede eléctrica e a um aparelho de televisão Os programas de entretenimento estão mais virados para as zonas urbanas e periurbanas.	• Belas manhas • Balanço geral • Atrações • Fala Moçambique • Econmia e negocios • Contacto directo • Resenha semanal • Miramar desporto • Cidade Alerta • PM entrevistas
Soico televisão (Canal privado) Canal privado e independente (https://play.stv.co.mz/programas/c/6); Oferece programas de entretenimento; Notícias nacionais e internacionais; Transmite apenas em língua portuguesa; Sensacionalista;	De um modo geral à toda a população que tem acesso a rede eléctrica e a um aparelho de televisão Os programas de entretenimento estão mais virados para as zonas urbanas e periurbanas.	• Noites Vivas: • Sextou: • Mais Mulher • Grande entrevista • Falar de mim • Por trás do piano

A televisão de Moçambique é a mais antiga, ela existe desde 1981 e pertence ao governo de Moçambique. Ela funciona 24 horas por dia e oferece programas de entretenimento, infantis, informativos, culturais, telenovelas e séries nacionais e internacionais. Olhando para os canais

privados, de uma maneira geral apresentam o mesmo tipo de estrutura que os canais públicos, que consiste em programas informativos, de entretenimento, economia e negócios. A TVM é a única que oferece um jornal informativo em línguas bantu. Estas notícias são transmitidas em cada região do país e permite que os telespectadores que não falam ou não dominam o português possam ter acesso à informação nas suas próprias línguas. Esta é uma iniciativa que mostra a preocupação do canal por uma camada da população. Sendo uma iniciativa louvável, não podemos deixar de nos interrogar sobre a fidelidade da interpretação das informações, tendo em conta o modo de construção da língua portuguesa, o contexto cultural e social, as expressões mais complexas que traduzem muitas vezes contextos exógenos e ocidentais. Esta e concerteza uma das razões de afirmarmos que a informação chega às comunidades transformada e incompleta.

Olhando para o tipo de grelhas propostas por estes canais, elas são uma copia das grelhas dos países europeus ou americanos. O que significa que estas grelhas não respondem à realidade endógena. Temos assistido à uma forma de expressão de vários jornalistas e individualidades que participam nos programas de televisão e não têm o cuidado com os destinatários (telespectadores) desses programas. Se considerarmos os dados estatísticos acima apresentados sobre a situação de escolaridade, a taxa de analfabetismo, expressões como: "É com renovada honra que, através deste pódio da Magna Casa do Povo"; lográmos um acordo com o Fundo Monetário Internacional para a estabilização macro-económica ..."; "Por outro lado, apraz-nos afirmar que,..."; "No que tange à inflação, apesar da...". "As ligações inter-sectoriais, suscitadas no contexto das respectivas cadeias de valor,..."; " Concomitante com este progresso"; não estão ao alcance de muitos moçambicanos que assistem a televisão. Temos ainda o caso do programa Grande Entrevista da STV, o programa PM Entrevistas da televisão Miramar cujos convidados e/ou jornalistas denotam uma linguagem rebuscada, com expressões e vocabulário próprios de quem domina a língua e quer impressionar uma certa classe de telespectadores. Podemos afirmar que isto constitui uma situação de exclusão. Ao observarmos algumas passagens de discursos em reportagens televisivas, verificamos que algumas das informações são claramente endereçadas, inconscientemente, a uma camada da população não escolarizada. Podemos citar alguns exemplos: Na televisão Miramar (#tvmiramar #tvdeprimeira #mozambique, 13.04.23), no programa Fala Moçambique, uma reportagem mostra um encontro das autoridades do governo com líderes comunitários. O nível de língua que é utilizado neste encontro é completamente desfasado da realidade. Os líderes comunitários são pessoas das comunidades que não possuem o nível de instrução apropriado para compreender o tipo de discurso proferido. No mesmo programa, vê-se ainda em nota de rodap a seguinte informação: "O Centro de Saúde da Matola-Gare reabriu depois de encerrada por quase dois meses por conta das enxurradas. O aumento das infecções de Transmissão Sexual (ITS) preocupa esta unidade sanitária". A expressão "enxurradas", ou ainda palavras utilizadas no encontro com os líderes comunitários "zonas recônditas"; "façam a réplica da educação cívica recebida pelos brigadistas", também não estão ao alcance de

muitos telespectadores. É evidente que se considerarmos que apenas cerca de 21,8% (INE, 2017) da população tinha acesso a uma televisão e 35% um rádio, isto constitui uma indicação clara que o acesso à informação é ainda muito fraco, mesmo que tenham decorrido seis anos desde o último censo, acreditamos que o cenário não mudou muito. Estes dados informam-nos igualmente que o acesso à televisão é reservado a uma camada da população urbana e periurbana escolarizada. Por esse motivo, não podemos crer que a televisão e o rádio sejam meios de propagação da informação, sobretudo tratando-se da língua portuguesa.

Com esta pequena reflexão, achamos ter demonstrado com dados e argumentos que a língua portuguesa como língua oficial e de comunicação tem um campo de acção muito restrito e não é uma língua de comunicação efectiva entre os moçambicanos. A ideia de raça a que nos referimos acima pode ser colocada em termos de comunidades linguísticas que são identificadas através das zonas de origem, de identidades, do ser exógeno ou endógeno, da exclusão e da inclusão, etc. LEMOS (2014, p.3) explica que:

"Para interagir com outras pessoas, por meio da palavra, é importante o domínio de um idioma ... dominar a estrutura de uma língua e sua cultura também é importante para construir adequadamente um enunciado e saber se comportar e apreender o significado dos diversos atos de fala, em qualquer língua

Como considerações finais

Este texto teve como objectivo fazer uma análise da comunicação e acesso à informação em Moçambique tendo como base a diversidade linguística e cultural. A nossa percepção é que a presença de várias línguas e culturas num determinado contexto, ao invés de provocar situações de conflito, deveria ser um trampolim para a inclusão dos vários grupos sociais na sociedade, onde cada indivíduo/comunidade pudesse encontrar espaço de expressão e de interação. Isto passa pela adopção de estratégias políticas e sociais que privilegiem a expressão das várias línguas em presença. E quando falamos de línguas, referimo-nos também às culturas onde a manifestação de identidades permite a cada indivíduo interagir com o outro e participar numa comunicação e interação sem exclusão. Afinal, o plurilinguismo, (CALVET) pode ser gerido e permitir que seja factor de partilha, de convivência e de abertura para os outros. Para este autor as decisões dos governos a partir das políticas linguísticas por eles traçadas colocam os falantes das línguas em situação de conflito. Felizmente, a sociedade encontra sempre meios de se reconstruir e se reinventar no concernente à comunicação. A língua portuguesa começa a entrar nas línguas bantu como expressão de uma necessidade de comunicação num contexto de exclusão. Porque, segundo (SOUZA E PAUTZ, 2017, p. 1) :

A língua de um povo constitui-se como um dos seus bens mais preciosos. É na língua que se apresentam refletidas as representações e construções de uma sociedade. É pela língua que se dão as relações de poder e dominação, os consensos, as discórdias, as transmissões culturais. Assim como é pela língua que o sujeito constrói seu lugar na sociedade, também é através dela que é excluído

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. L'identité et la représentation. Éléments pour une réflexion critique sur l'idée de région, dans Actes de la recherche en sciences sociales, vol. 35, pp. 63-72, novembre 1980.

CALVET, Louis-Jean. Identité et plurilinguisme, Trois espaces linguistiques face aux défis de la mondialisation, 1ÈRE TABLE RONDE IDENTITÉ ET MULTICULTURALISME, Paris, 20 - 21 mars 2001. Disponível em: <https://docplayer.fr/4025996-1-ere-table-ronde-identite-et-multiculturalisme-identite-et-plurilinguisme-louis-jean-calvet-linguiste-universite-de-provence.html>. Acesso em 15 de Março de 2023.

CASTIANO, José. O Currículo Local como espaço social de coexistência de discursos: Estudo de caso nos distritos de Bárué, de Sussundenga e da Cidade de Chimoio - Moçambique, (Revista E-Curriculum, v. 1, n. 1, dez. - <http://www.pucsp.br/ecurriculum>), Sao Paulo, jul. 2005-2006. Acesso em 20 de Março de 2023.

CENSO 2017, IV Recenseamento Geral da População e Habitação, Instituto Nacional de Estatística - Disponível em: <http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/mocambique/apresentacao-resultados-do-censo-2017> . Acesso em 10 de Abril de 2023.

JUILLARD Caroline. Plurilinguisme, Dans langage et société, HS1 (Hoors série), Pages 267 à 273, 2021.

LEMOS, Amélia. Attitudes et représentations : le cas de certains discours épilinguistiques à Maputo, in UDZIWI n° 20, ano V, Dezembro, pp. 38-51, CEPE, Maputo, 2014.

LEMOS, Amélia,. Enseignement bilingue au Mozambique: Entre Contraintes et Avantages, Editions des archives contemporaines, collection « **Pluralité des langues et des identités et didactique** (PLID), ISBN 9782813001955, France, 2016.

LEMOS, Amélia. Contexte plurilingue au Mozambique : quelle identité, quelle culture ?, **French Studies in Southern Africa** No. 41, pages 118-141, Afrique du Sud, 2011.

HEUGH, Kathleen. Da língua materna ao uso de uma língua internacional no processo de Ensino e Aprendizagem: As limitações do modelo de transição no sistema escolar em África, In Chimbutana, Feliciano and Straud, Christopher, Educação Bilingue em Moçambique, Refletindo criticamente sobre políticas e práticas, Maputo, Texto Editores, 53-62. 2011.



PORTAL DO GOVERNO. Discurso de Sua Excelência Filipe Jacinto Nyusi, Presidente da República de Moçambique, Informação Anual do Chefe do Estado à Assembleia da República sobre a situação geral Da Nação, Maputo, 20 de Dezembro de 2022 - <https://www.presidencia.gov.mz/>. Acesso em 25 de Março de 2023.

PORTAL DO GOVERNO. Discurso de Sua Excelência Filipe Jacinto Nyusi, Presidente da República de Moçambique, por ocasião do Dia dos Heróis Moçambicanos, Dia 3 de Fevereiro de 2023, Proferido na Cidade de Maputo, Portal do Governo, Maputo, 03 de Fevereiro de 2023 - <https://www.presidencia.gov.mz/>. Acesso em 25 de Março de 2023.

PORTAL DO GOVERNO. Discurso de Sua Excelência Filipe Jacinto Nyusi, Presidente da República de Moçambique por ocasião da Inauguração Da Rede De Energia Do Posto Administrativo De *Impire*, 1ª de Fevereiro de 2023 - www.presidencia.gov.mz/. Acesso em 25 de Março de 2023.

SOUZA, Antonio Escandarel. & PAUTZ, Silvia.. A diversidade linguística no contexto escolar. *Linguagens & Cidadania*, 9(1). <https://doi.org/10.5902/1516849228299>, (2017), Acesso em 20 de Março de 2023.